

PADRE AMARO: O NATURALISMO E O MEIO QUE O DETERMINA

Gabriela Ramalho da SILVA
Graduanda em Letras-Português
IFSP/Campus São Paulo

RESUMO

O artigo explana como o determinismo do meio (teoria determinista de Taine) e as características do Naturalismo incidem sobre o personagem Amaro Vieira de *O crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós. Para tanto, objetiva localizar o Realismo e o Naturalismo como movimentos artísticos literários do século XIX. Utiliza trechos da obra de Eça de Queirós para fundamentar a hipótese de que o determinismo do meio permeia a obra de Eça de Queirós e conclui que este mesmo determinismo presente na obra modifica o personagem Amaro Vieira e o transforma em outro homem conforme o ambiente em que vive.

Palavras-chave: Realismo-Naturalismo. Determinismo. Eça de Queirós. *O Crime do Padre Amaro*.

Introdução

O Realismo e o Naturalismo foram períodos literários quase que simultâneos, iniciados na segunda do século XIX. Originado primeiramente na França, teve como precursores o pintor Gustave Courbet e o escritor Gustave Flaubert. As obras destes movimentos literários eram baseadas nas teorias científicas que estavam em ascensão como a teoria positivista de Auguste Comte (1798-1857), que tratava o conhecimento como “positivo” relativamente à realidade, concreto, objetivo, passível de análise e experimentação. Também tinham como base o pensamento socialista de Proudhon (1809-1865) e a teoria que mais teve um reflexo nos textos literários da época: a teoria das leis deterministas de Hipólito Taine (1828-1893). (MOISÉS, 2013)

O Realismo evoluiu gradativamente para o Naturalismo que era a tendência artística da segunda metade do século XIX: o Naturalismo entendido como uma forma histórica do Realismo, que era mecanicista e positivista. As obras Realista-naturalistas são obras de tese: a obra usada para provar teses sobre a sociedade e mostrar o mal desta

sem remediá-lo. Para eles, o ficcionista é como um médico que faz as “autópsias sociais”, expondo os problemas da sociedade. (ABDALA JÚNIOR; PASCHOALIN, 1985)

Em Portugal, conforme Moisés (2013), o Realismo se instaurou em 1865 com a *Questão coimbrã*. O realismo português teve como precursores Eça de Queirós, Antero de Quental, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Salomão Saragga, entre outros. Neste artigo, atemo-nos na obra *O crime do Padre Amaro*, do autor português Eça de Queirós, que foi precursora do Realismo-Naturalismo em Portugal e a primeira obra Naturalista do autor. A lógica de composição de Eça de queirós enfatiza o espaço, o tempo e o personagem: espaço e o tempo determinando quem será este personagem ao longo da narrativa, esta lógica é baseada na teoria determinista de Taine: de que o homem é determinado pelo seu contexto histórico, sua vida em sociedade e seu meio. Conta também com a teoria darwinista enfatizando o instinto animalesco do homem. (ABDALA JÚNIOR; PASCHOALIN, 1985)

Posto isso, explanamos na seção seguinte aspectos relativos ao período literário e ao autor em análise, depois descrevemos a obra em análise e, na sequência, analisamos as características naturalistas e o determinismo do meio presentes no percurso narrativo do personagem Amaro Vieira, um padre que fora, no decorrer da obra, modificado por seu meio, com a relação do tempo e espaço. Com isso, pretendemos estabelecer que Eça de Queiroz buscou representar seu personagem como o homem que é modificado por seu meio.

O Realismo e o Naturalismo

Os realistas eram antiromânticos e atacavam tudo o que provinha do Romantismo, procuravam realizar a filosofia da objetividade: o que interessa é o objeto e não o *eu* e, para tal, destroem a sentimentalidade (presente no Romantismo) para alcançar a objetividade e só a conseguiam através da razão e da inteligência, como indica Moisés (2013). Eram também racionalistas: o real para os realistas era “o que está fora de nós como objeto e pode ser captado pelos sentidos” (MOISÉS, 2013, p. 229-230), o real sensível e aderiram à ciência como forma de conhecimento objetivo da realidade.

Quanto à política, conforme Moisés (2013), os realistas eram republicanos e socialistas e aceitavam teorias deterministas e científicas para interpretação da História. Eram também antimonárquicos, antiburgueses e anticlericais e adeptos à teoria de Taine: arte condicionada ao ambiente, à herança e ao momento, uma concepção que via o homem numa concepção mecanicista, submetido às condições gerais de vida no planeta. A obra literária no Realismo é considerada como utensílio, arma de combate, de reforma e ação social e a ciência como solução dos problemas humanos, assevera Moisés (2013).

Ainda segundo Moisés (2013), em Portugal, o Realismo se instaurou em 1865 com a *Questão coimbrã*, uma polêmica que teve suas origens 1860, quando Teófilo Braga publica, em dois volumes, *A Visão dos Tempos* e *As Tempestades Sonoras* e Antero edita as *Odes Modernas*. Castilho, ainda arraigado às tradições românticas, critica essas publicações e as novas ideias postas pelos estudantes da sociedade secreta *Sociedade de Raio* com severidade e, em resposta, Antero de Quental escreve um opúsculo chamado *Bom Senso e Bom Gosto*. Neste momento, é inaugurado o Realismo em Portugal. Em 1868, participantes da revolta anticastilhiana voltam a se reunir em Lisboa em um grupo denominado grupo do *Cenáculo* e participam, reunidos na casa de Jaime Batalha Reis (1847-1935), Eça de Queirós, Antero de Quental, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Salomão Saragga, entre outros.

Para Abdala Jr e Paschoalin (1985), o Realismo evoluiu gradativamente para o Naturalismo que era a tendência artística da segunda metade do século XIX: o Naturalismo entendido como uma forma histórica do Realismo, que era mecanicista e positivista. Enquanto o Realismo é mais uma atitude do artista frente à realidade, existe de forma mais ou menos dominante em todas as épocas e dá ênfase à caracterização da realidade, o Naturalismo tem um ponto de vista tecnológico e cientificista: a realidade é representada a partir da observação empírica, buscando um artista neutro, impassível e objetivo.

O Naturalismo, assim, para os autores, é uma análise da sociedade via arte com base na Biologia (que diz respeito à natureza humana) e na Sociologia (sociedade como tecnologia), por meio do darwinismo social (homem como ser natural) e da teoria determinista de Taine (determinismo do meio e biológico); o Realismo faz a análise da sociedade de uma perspectiva psicológica e sociológica: a sociedade analisada a partir

do caráter, das características da interioridade – estudar o indivíduo para entender o grupo.

Abdala Jr. e Paschoalin (1985) sustentam que os romances realistas-naturalistas são obras de tese: a obra usada para provar teses sobre a sociedade e mostrar o mal desta sem remediá-lo. Para eles, o ficcionista é como um médico que faz as “autópsias sociais”, expondo os problemas da sociedade. A descrição é tomada de um ponto de vista científico, o espaço, por exemplo, é tido dentro de uma noção de *habitat*. Os romances de tese, segundo Casemiro¹, são formados por uma tese a ser provada e uma antítese que resultam numa síntese.

Sobre Eça de Queirós e sua obra, especificamente, trazemos algumas informações biobibliográficas: nascido em Póvoa do Varzim, ingressou em 1861 na Universidade de Coimbra. Envolveu-se com Antero de Quental e seu grupo, participando ativamente da implantação do realismo em Portugal. Formado, advoga e escreve para jornais. Em 1869, assiste à inauguração do Canal de Suez. Em 1872, ingressa no corpo diplomático, passando a trabalhar, como cônsul, fora de Portugal. Primeiro vai servir em Havana, Cuba, depois na Inglaterra e, finalmente, em Paris, onde morre em 1900. Morreu aos 55 anos. Inspirado em autores como Flaubert e Zolá, Eça escreveu grandes obras como *O Crime do Padre Amaro* (1875), *O Primo Basílio* (1878), *O Mandarin* (1879), *Os Maias* (1888) *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), *A Cidade e as Serras* (1901), entre outros. (MOISÉS, 2013)

O autor em sua lógica de composição, de acordo com Casemiro², trabalha principalmente o espaço, o tempo e a personagem: dá destaque ao espaço (que é Portugal) para entender o tempo (histórico) e como esses dois incidem sobre a personagem, ou seja, como nos princípios da teoria determinista de Taine, o meio em que os personagens vivem e convivem os determinam. As descrições desses aspectos devem ser bem próximas do real para traduzir a própria realidade portuguesa.

¹ Informação obtida nas aulas de Literatura Portuguesa IV, do curso de Licenciatura em Letras/Português (IFSP), ministradas pelo Prof. Charles Borges Casemiro, São Paulo, 2017.

² Informação obtida nas aulas de Literatura Portuguesa IV, do curso de Licenciatura em Letras/Português (IFSP), ministradas pelo Prof. Charles Borges Casemiro, São Paulo, 2017.

A obra

O Crime do Padre Amaro (1875), primeira obra naturalista de Eça, conta a história do personagem Amaro Vieira, um menino que, após ficar órfão, é criado pela Marquesa de Alegros junto com suas filhas. Desde menino, a Marquesa já demonstra o desejo de ordená-lo padre, Amaro cresce e, antes de sua morte, sua tutora o deixa já orientado para os caminhos clericais, expressando esta vontade em seu testamento. Nesta época, Amaro vai morar com os tios enquanto não tem idade para ir ao seminário, tendo mais liberdade e descobrindo sua natureza: Amaro não tem vocação para ser Padre. Mesmo assim é mandado ao seminário e ordenado.

Tempos depois, já padre, o pároco pede para uma das filhas da Marquesa de Alegros que o mude de paróquia, pois a sua atual é afastada e muito pobre, este então é transferido para a província de Leiria, onde um outro padre acabara de morrer deixando o cargo disponível. Lá Amaro se instala na hospedaria de D. Sãojoaneira e conhece Amélia, filha desta, entre os dois uma atração recíproca nasce e vai crescendo gradualmente. O padre tenta fugir desde sentimento até que um dia flagra seu mentor e a Sãojoaneira juntos no quarto. A partir daí, não vê mais nenhum problema em manter um relacionamento amoroso com Amélia, esta acaba por deixar seu noivo João Eduardo e os dois (Amaro e Amélia) acabam se envolvendo sentimental e sexualmente.

O tempo passa e Amélia descobre estar grávida, os padres então tentam casá-la com seu ex-noivo, mas este foi embora da cidade depois de ter denunciado Amaro e por este motivo ser massacrado pelo povo, então Amélia é mandada para a casa de uma parente distante na qual dá à luz seu filho, entretanto o pároco toma o filho de sua mãe e o leva para uma “tecedeira de anjos”, uma mulher que tira a vida de bebês recém-nascidos. Amélia, sem saber notícias do filho, acaba por morrer. Amaro até tenta resgatar o filho depois, mas já é tarde demais, a criança já estava morta. No final, o padre não sofre pelo que fez, apenas segue sua vida como pároco dizendo que “só confessa mulheres casadas” daquele momento em diante.

O livro é uma clara crítica de Eça de Queirós à vida provinciana e ao clero hipócrita de sua época, de acordo com Zanata (2010, p. 3): “Eça procura mostrar a Igreja exploradora e dominadora em Portugal no século XIX, com seus padres sem vocação, vivendo em mordomias com o dinheiro do povo e a visão precária sobre a religião”.

A relação tempo e espaço com a construção de personagens em *O Crime do Padre Amaro*: a construção de Amaro e suas características naturalistas

Em *O Crime do Padre Amaro*, conforme Moisés (2013), Eça de Queirós, igualmente aos seus contemporâneos, baseia-se nas teorias positivistas e científicas da época, principalmente nas teorias de *Hippolite Taine* (Teoria Determinista) e de Charles Darwin (Evolucionismo), e estas teorias incidem sobre todos os aspectos da narrativa: foco narrativo, tempo, espaço, personagens.

Para Reis e Lopes (1988), o espaço é dividido em 3 tipos: em primeira instância, espaço físico (espaços geográficos, decorações, móveis *etc.*), que diz respeito ao cenário onde acontece o desenrolar de ações dentro da narrativa e à movimentação dos personagens; os dois outros conceitos de espaço são o espaço social que abrange a atmosfera social e política e o espaço psicológico que diz respeito à atmosfera psicológica (digressões dos personagens e/ou narradores, por exemplo). Nesse sentido, o espaço na teoria literária é um dos itens mais importantes da narrativa não só por se integrar aos outros itens (personagens, foco narrativo e tempo), mas também por sua representatividade dentro da história.

O espaço físico e o espaço social se conectam entre si, segundo Brandão (2007, p. 207), visto que “[...] as correntes sociológicas ou culturalistas interessam-se justamente por adotar o espaço como categoria de representação, como conteúdo social – portanto reconhecível extratextualmente – que se projeta no texto”. Na obra de Eça de Queirós, o espaço e o tempo determinam as transformações que ocorrem nas personagens ao longo da narrativa, ou seja, cada espaço representa um meio social que acaba por determinar as ações desenvolvidas por estes, o que caracteriza o determinismo do meio presente na obra.

O espaço aqui, de acordo com Zanatta (2012), é tido como *Habitat*, a descrição dos locais é a partir de um ponto de vista mais científico e bem próximo do real, uma descrição feita a partir da observação. Eça, por ter morado em Leiria, observou os costumes dos provincianos e a conduta das pessoas de pequena cidade e também o comportamento do clero para modelar os personagens conforme os temperamentos humanos e a influência do meio social.

Candido (1976), em *A Personagem no Romance*, faz uma diferenciação entre ser real e ser na ficção, o ser humano não é contínuo em suas atitudes e sim fragmentado,

ora de um jeito, ora de outro e nós só temos conhecimento de partes da personalidade; logo, na construção de personagens para se chegar mais perto do real, é preciso se aproximar deste conceito, entretanto essa fragmentação na escrita não é totalmente possível porque a personagem deve ser apresentada como um todo para que o leitor se reconheça nela e entenda suas atitudes dentro do enredo.

O que pode se fazer e é feito, nas palavras de Candido, é construir personagens mais complexas, com mais profundidade psicológica, dando a esta uma descontinuidade: uma personagem que não seja estática ao longo da obra sendo mais verossímil:

Essas considerações visam a mostrar que o romance, ao abordar as personagens de modo fragmentário, nada mais faz do que retomar, no plano da técnica de caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes. (CÂNDIDO, 1976, p. 92)

Tal fragmentação dos personagens na obra em análise se dá por meio dos ambientes sociais, os ambientes mudam as personagens ao longo da narrativa. Pode-se dividir o romance em 3 partes com seus respectivos espaços: na primeira parte, seu ambiente será a casa da Marquesa de Alegros; a segunda diz respeito ao seminário; e a terceira à Leiria (Paróquia e pensão). Cada parte, respectivamente, representa a tese, a antítese e a síntese do romance, como constata Casemiro³. Cada um dos três espaços supracitados influencia e modifica Amaro de alguma maneira.

A primeira parte se passa na casa da Marquesa de Alegros, Amaro ainda é menino e convive no luxo com as duas filhas desta (a casa das três mulheres), essas três são beatas e têm a religião como um ornamento, algo de moda que caminha junto com a riqueza que as envolve, como no seguinte trecho do livro:

No isolamento de Carcavelos, naquela quinta de alamedas aristocráticas onde os pavões gritavam, as duas meninas enfastiavam-se. A Religião, a Caridade eram então ocupações avidamente aproveitadas: cosiam vestidos para os pobres da freguesia, bordavam frontais para os altares da igreja. De Maio a Outubro estavam inteiramente absorvidas pelo trabalho de salvar a sua alma; liam os livros beatos e doces; como não tinham S. Carlos, as visitas, a Aline,

³ Informação obtida nas aulas de Literatura Portuguesa IV, do curso de Licenciatura em Letras/Português (IFSP), ministradas pelo Prof. Charles Borges Casemiro, São Paulo, 2017.

recebiam os padres e cochichavam sobre a virtude dos santos. **Deus era o seu luxo de Verão.** [grifo nosso] (QUEIRÓS, 1998[1875], p. 35)

Para Zanatta (2013), Amaro só se importa com as vantagens materiais do sacerdócio justamente porque viveu neste ambiente de luxo e regalias; ao viver em meio ao luxo e à riqueza, ele se acostumou a estes, o meio está aqui o determinando. Na visão de Bordin (2001, p. 120), a seleção lexical também relaciona a religião ao luxo: “Os pares céu/Moda, beatas/chique, humildade cristã/figurino de Bruxelas, Paraíso/toalete demonstram, através da seleção lexical, essa relação religião/moda, que vai culminar em Deus/luxo”.

Ainda neste meio da casa da Marquesa, Amaro convive com um paradoxo em relação às mulheres: as filhas da Marquesa de Alegros são beatas para o público, como uma espécie de “ostentação” da religiosidade enquanto no privado são luxuriosas. Em outros termos, o espaço social que, neste momento, constrói o menino Amaro é o do feminino, do luxo, entretanto dentro do espaço psicológico o instinto masculino já começa a se manifestar no personagem. O seguinte trecho da obra exemplifica isso: “No entanto crescia; o seu aspecto era o mesmo, miúdo e amarelado; nunca dava uma boa risada; trazia sempre as mãos nos bolsos. Estava constantemente metido nos quartos das criadas, remexendo as gavetas; bulia nas saias sujas, cheirava os algodões postiços” (QUEIRÓS, 1998[1875], p. 37).

Esta primeira parte representa a Tese do romance *O Crime do Padre Amaro*: o instinto animalesco em embate com a convenção social, ou seja, Eça pretende provar que o homem é um ser natural e não pode vencer seus instintos; ao mesmo tempo em que Amaro vê a religião como uma conversão social que precisa ser seguida, seus instintos animalescos começam a aflorar-lhe vencendo a primeira. Esta característica de tese, típica dos romances realistas-naturalistas, junta-se às teses científicas que estavam em alta no século XIX, como assevera Moisés (2013).

A segunda parte do romance se dá no seminário, Amaro agora já jovem e após viver algum tempo na casa dos tios já não quer ser padre, todavia não luta contra seu destino, a masculinidade lhe é agora uma formação social. Dentro do seminário, o agora futuro padre é ensinado e vive em um ambiente da moral e da castidade. A mulher agora é representada como uma dualidade: ou a mulher é como Maria mãe de Cristo, santa ou

é Maria Madalena, promíscua, prostituta. Essas definições se confundem em Amaro à medida que seus instintos ultrapassam as convenções morais e da castidade ensinadas no ambiente clerical:

Na sua cela havia uma imagem da Virgem coroada de estrelas, pousada sobre a esfera, com o olhar errante pela luz imortal, calcando aos pés a serpente. Amaro voltava-se para ela como para um refúgio, rezava-lhe a Salve-Rainha: mas, ficando a contemplar a litografia, esquecia a santidade da Virgem, via apenas diante de si uma linda moça loura; amava-a; suspirava, despindo-se olhava-a de revés lubricamente; e mesmo a sua curiosidade ousava erguer as pregas castas da túnica azul da imagem e supor formas, redondezas, uma carne branca... Julgava então ver os olhos do Tentador luzir na escuridão do quarto; aspergia a cama de água benta; mas não se atrevia a revelar estes delírios, no confessionário, ao domingo.[...] Até nos compêndios encontrava a preocupação da Mulher! Que ser era esse, pois, que através de toda a teologia ora era colocada sobre o altar como a Rainha da Graça, ora amaldiçoada com apóstrofes bárbaras? Que poder era o seu, que a legião dos santos ora se arremessa ao seu encontro, numa paixão extática, dando-lhe por aclamação o profundo reino dos Céus, - ora vai fugindo diante dela como do Universal Inimigo, com soluços de terror e gritos de ódio, e escondendo-se, para a não ver, nas tebaidas e nos claustros, vai ali morrendo do mal de a ter amado? Sentia, sem as definir, estas perturbações: elas renasciam, desmoralizavam-no perpetuamente: e já antes de fazer os seus votos desfalecia no desejo de os quebrar. (QUEIRÓS, 1998[1875], p. 43-44)

A esta segunda parte do romance é atribuída a antítese, de acordo com Casemiro⁴: o discurso religioso em embate com a luxúria, em que são representadas pela própria figura da mulher. Amaro não entende como esta pode ser ao mesmo tempo adorada e odiada e, simultaneamente, a partir de seus instintos animais, a luxúria cresce dentro de si, se contrapondo a todo discurso religioso que fora aprendido no seminário, ao fantasiar com a imagem da Virgem Maria em seu quarto; mais uma vez, a natureza vence a convenção social, contudo Amaro se ordena padre mesmo não tendo vocação.

Para Reis e Paula (2012, p. 84), em seu artigo *O crime do Padre Amaro: individuação, celibato e sexualidade discutidos em um romance*, “quando se relaciona com seus aspectos sombrios, sua sexualidade desperta, e ele se mostra como realmente

⁴ Informação obtida nas aulas de Literatura Portuguesa IV, do curso de Licenciatura em Letras/Português (IFSP), ministradas pelo Prof. Charles Borges Casemiro, São Paulo, 2017.

é. Mas a persona já começa a ocupar grande espaço em sua vida e assumir sua máscara social (ser padre) torna-se cada vez mais próximo de sua realidade”. Ou seja, à proporção que vai se formando, o meio seminarista o condiciona a criar uma máscara de padre, escondendo os seus próprios instintos.

Na terceira e última parte, Amaro já é padre em Leiria (paróquia e pensão). Depois de transferido, hospeda-se na pensão de Sãojoaneira e conhece Amélia, os dois acabam por ter um caso amoroso e sexual; dentro deste ambiente, os amantes fazem um percurso diário: da pensão – local da luxúria, do sexo e do instinto – para a igreja – local da beatitude e da moral –, vemos novamente a beatitude como algo apenas de aparência e não como uma conduta verdadeira por parte de Amaro e Amélia. Este percurso do casal é permeado pela natureza local, o que pode nos remeter ao instinto: os dois, apesar de beatos, não resistem aos próprios instintos.

Por outro lado, constatamos que Amaro resistia a ceder a sua natureza até que flagra Cônego Dias e Sãojoaneira mantendo relações sexuais. A partir daquele momento, o pároco pensa ter também o direito de manter uma amante, assim como seu mentor:

Amaro não a sentia, caminhando depressa, cheio de uma só ideia deliciosa que o fazia tremer: ser o amante da rapariga, como o cônego era o amante da mãe! Imaginava já a boa vida escandalosa e regalada; enquanto em cima a grossa S. Joaneira beijocasse o seu cônego cheio de dificuldades asmáticas - Amélia desceria ao seu quarto, pé ante pé, apanhando as saias brancas, com um xale sobre os ombros nus... Com que frenesi a esperaria! E já não sentia por ela o mesmo amor sentimental, quase doloroso: agora a ideia muito magana dos dois padres e as duas concubinas, de panelinha, dava àquele homem amarrado pelos votos uma satisfação depravada! Ia aos pulinhos pela rua. - Que pechincha de casa! (QUEIRÓS, 1998[1875], p. 106)

Amaro, ao conviver com os padres e seus atos inescrupulosos, acaba por se tornar gradativamente como eles por conta do meio social em que vive, isso acontece não só neste trecho, mas também quando o personagem do Padre Natário diz que da confissão é possível se tirar vantagens. Bordin (2001, p. 125) ressalta que

toda essa hipocrisia que cerca o protagonista vai ser por ele assimilada, e fará com que Amaro perca a sua ingenuidade inicial. A transgressão de preceitos católicos será por ele atribuída às várias classes da Igreja, à própria Igreja e até mesmo aos santos, numa

generalização que demonstra a perda de confiança em relação aos preceitos católicos. (BORDIN, 2001, p. 125)

Quando Amaro cede aos seus instintos e inicia seu caso com Amélia e este caso acaba por gerar um filho, a síntese comprova a tese defendida por Eça ao longo do romance: a natureza e o instinto resultam em um caso entre Amaro e Amélia e este tem como consequência um filho, este filho é a prova de que o homem é um ser natural, nasce, cresce, se reproduz e morre (darwinismo social) e não pode fugir de seu instinto, ou seja o determinismo biológico, como sustenta Casemiro⁵.

Assim, conforme Bordin (2001), corroborado por Casemiro, Amaro através do tempo da narrativa vai se modificando de acordo com os espaços sociais em que transita: na casa da marquesa de Alegros, vive no luxo e na riqueza, ao mesmo tempo que seu instinto animalesco começa a aflorar-lhe; no seminário, percebe que é preciso manter sua fachada de padre mesmo não tendo vocação, assumindo o cargo apenas como uma profissão; e, em Leiria, termina de corromper-se ao descobrir que todo o clero é corrupto e hipócrita, cedendo aos seus instintos sem sentir que está fazendo algo imoral, pois todos os padres de seu meio vivem assim, isto é, o homem é determinado também pelo meio em que vive e através do tempo em que vive.

Conclusão

Os determinismos do meio e biológico, juntamente com o darwinismo social, e o instinto animalesco são a representação do humano dentro da obra realista-naturalista, o homem é visto como um ser que como todos os outros está sujeito às condições gerais de vida no planeta. A descrição de suas características é feita de um ponto de vista científico, como a descrição de um animal em seu *habitat*, por exemplo, refletindo as patologias da sociedade.

Dentro da estrutura do romance de tese, Eça de Queirós, como que seguindo uma fórmula, vai, gradativamente, através das teorias científicas e sociais de análise, fazendo uma denúncia dos problemas da sociedade provinciana e do clero corrompido e hipócrita de seu contexto histórico: um Portugal que estava sofrendo mudanças políticas

⁵ Informação obtida nas aulas de Literatura Portuguesa IV, do curso de Licenciatura em Letras/Português (IFSP), ministradas pelo Prof. Charles Borges Casemiro, São Paulo, 2017.

e também artístico-literárias. Por meio da comprovação de sua tese, Eça também ratifica que o ser humano é como qualquer outro ser, modificando-se conforme o seu contexto histórico e social, mas que, por outro lado, como um animal, não pode fugir a seu instinto biológico.

Referências

Literária:

QUEIRÓS, Eça de. *O crime do Padre Amaro*. 12ª ed. São Paulo: Ática, 1998[1875].

Teórico-analítica:

ABDALA JÚNIOR, B.; PASCHOALIN, M. A. *História social da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1985.

BORDIN, M. da S. A influência do meio em O Crime do Padre Amaro. *Revista Ao Pé da Letra*. Disponível em: <http://revistaaopedaletra.net/volumes-aopedaletra/vol%203.1/A_influencia_do_meio_em_O_Crime_do_Padre_Amaro.pdf> Acesso: 25 mai.2017.

BRANDÃO, L. A. Espaços literários e suas expansões. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1397>>. Acesso: 29 mai.2017.

CANDIDO, A. *A personagem do romance*. 6ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

MOISÉS, M. *A Literatura Portuguesa*. 37ª. ed. ver. e atual. – 1ª reimpr. São Paulo: Cultrix, 2013.

OLIVEIRA, R. T. *A configuração do espaço: uma abordagem de romances queirosianos*. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. 2008. 203f.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

REIS, A. R. M., PAULA, C. P. A. de. O crime do padre Amaro: individuação, celibato e sexualidade discutidas em um romance. *Revista Ipotesi*. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/CAP06-77-90.pdf>> Acesso: 31 mai.2017.

ZANATTA, D. L. Aspectos do Realismo-Naturalismo em Amaro E Amélia, na Obra O Crime Do Padre Amaro. *Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão*. Disponível em: <https://www.unicruz.edu.br/15_seminario/seminario_2010/CCHC/> Acesso: 28 mai.2017.

ZANATTA, D. L. A personagem na literatura portuguesa: uma leitura de O Crime do Padre Amaro. *Revista Odisseia*. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/10788/7607>>. Acesso: 28 mai.2017.

FATHER AMARO: NATURALISM AND THE MEANS THAT DETERMINE HIM

ABSTRACT

The article explores how the determinism of the environment (deterministic theory of Taine) and the characteristics of Naturalism affect the character Amaro Vieira of 'The Crime of Father Amaro', by Eça de Queirós. For this, it aims to locate Realism and Naturalism as artistic literary movements of the XIX century. It uses extracts from the work of Eça de Queirós to support the hypothesis that the determinism of the environment permeates the work of the author and concludes that this same determinism, present in the work, modifies the character Amaro Vieira and transforms him into another man according to the environment in which lives.

Key words: *Realism-Naturalism. Determinism. Eça de Queirós. The Crime of Father Amaro.*

Envio: agosto/2017

Aceito para publicação: setembro/2017